

Como planificar o tridimensional: Metodologia de crepagem e modelagem do corpo



Violeta Adelita Ribeiro Sutili

violetasutili@gmail.com

Artista visual e pesquisadora em moda. Mestranda em Artes Visuais (PPGAV-UFRGS), bacharela em Moda (UDESC). Em sua pesquisa busca pensar as roupas em viés crítico ao sistema de moda. Trabalha com modelagens 3D, vídeo, fotografia, escultura, plataformas vestíveis e modelagem. Sua investigação se dá buscando novas formas de lidar com roupas, através da construção de objetos fictícios que buscam a realidade do corpo, por meio de registros fiéis de sua planificação.

Como planificar o tridimensional: Metodologia de crepagem e modelagem do corpo



Ela estava no quarto quando espiei pela janela¹. Lá juntando caixas na barra da cama, a cena era feita de plástico e poeira, diria que essa era a composição. Plástico das caixas, poeira do plástico, caixas da poeira. Percebi que procurava por fitas, dupla face, *durex*, crepe, passavam por sua mão. Até que em dado momento escolheu uma fita crepe larga, um micropore bege, que por algum acaso se encontrava na caixa em vez de no banheiro ou em qualquer outro lugar onde seriam guardados suprimentos para primeiros-socorros. Talvez tenha pegado o micropore pois não havia uma fita crepe mais estreita.

¹ Texto desenvolvido como exercício de narrar e descrever procedimentos em poéticas visuais durante acompanhamento de minha orientadora. A proposta recebida foi contar o processo desenvolvido realizando-o na terceira pessoa, sendo eu uma observadora em qualquer instância de minha escolha. Tal prática auxilia no reconhecimento da metodologia que venho desenvolvendo de planificação daquilo que é tridimensional: o corpo

Enquanto recolhia seus materiais, eu colocava meus pés na parede e tomava impulso para subir na janela, só queria estar vendo. No instante que pulei para sentar nas vistas da saída, ela se levantou. De início achei que isso ocorreu porque eu tinha feito algum barulho. Às vezes esqueço que não tenho presença, que engraçado. No final das contas, ela havia se levantado para ir ao banheiro. Quando voltou, trouxe um pote de talco.

Apalpava a almofada peluda em talco e o passava na perna e no pé. Acredito que assim a oleosidade da

pele se reduzia. Ficou com a pele seca.

Em seguida, utilizava fita crepe para cobrir toda a região da metade da canela para baixo. Enrolava a fita crepe larga em volta da canela, depois invertia seu movimento, trabalhava na horizontal e depois nas verticais. O desenvolver da fita era desordenado. Enquanto assistia ao enfaixar, entendi por que achou interessante o micropore. Compreendi, inclusive, um pouco antes de que ela tivesse feito. Ponto pra mim. O micropore era utilizado em áreas menores e mais difíceis de cobrir. O principal exemplo destes “lugares difíceis” já é quase óbvio: entre os dedos dos pés. Eu falei que ela estava fazendo isso de cobrir a perna inteira, isso envolvia cada centímetro, cada milímetro quadrado de pele.

Menos intrusa, começava a me sentir quase como se tivesse sido convidada a estar lá. Eu não era o sal da terra. E nem ela era.

Achei que havia sido tudo finalizado quando a vi com o pé completamente crepado e tirando fotos dele. Entretanto, após aquele movimento até que repetitivo, reparei que tocava – e muito – seu pé a fim de entender todo o volume dele. A mão caminhava pelo relevo de toda a camada de fita crepe. E era tocando cada centímetro que poderia notar o que havia de depressões, planícies e planaltos. Assim, com uma caneta preta riscava as melhores formas de traçar a superfície.

Era notável que separava seu pé e perna em vários pedaços, com pequenos e grandes recortes. Não havia uma forma sequer que se repetiria dentro de sua combinação. Formas de todos os tipos e nenhuma delas eu saberia nomear, talvez apenas se conseguisse realizar algum nome como: triângulo + retângulo, triângulo + trapézio isósceles, escaleno + heptágono, paralelogramo + acutângulo. Será que me fiz entender? Não falo de formas desordenadas, mas sim de um desenho de relevos da superfície repleta de vetores.

Eu continuava no parapeito da janela, me apoiava pela caixa do ar-condicionado embutido na parede até que desci ao lado do bidê. Sempre fui muito como uma presença que não se estende, ela até poderia se dar por minha conta, mas nunca o suficiente.

Com uma tesoura delicada, recortava a fita crepe em suas demarcações tomando cuidado para não ferir a pele, afinal, havia quase nenhum espaço entre as faixas que se abraçavam. Uma vez cortadas, obtinha seus moldes. Parte sua era assim em tamanho e forma. Mexendo no papel, sabíamos que, de acordo com seu movimento, aquelas formas poderiam virar qualquer outra coisa senão seu próprio pé.

Com o esqueleto de fita crepe, foi enumerada e recortada cada forma obtida, obtendo o total de vinte e sete moldes, com posse de cada centímetro de cada

divisão entre cada dedo. Os pequenos pedaços grudentos eram fixados em papel e planificados. Neste momento, parte da fidelidade se perdia. Isso porque ao planificar uma superfície tridimensional, ela pode mudar, mesmo que poquíssimo. Alguns moldes, inclusive, necessitam da construção de pences.

A regra era clara: quanto menores os pedaços desenhados, menor seria a quantidade de ajustes realizados na planificação. Pedaços pequenos nos dão a impressão de uma baixa amplitude de modificação da peça. Quando eu a via colocando superfície acima de superfície, pensava muito sobre a comunicação que cada lado de matéria possuía.

A sobreposição de superfícies era algo que me chamava já há tempos. Era possível perceber que ocorria um exercício constante de planificação das formas que a nós já são tangíveis. Planificar formas envolve imaginá-las ao todo como seu contorno: é necessário observá-las atentamente para que não se deixe passar relevos em sua atmosfera.

Ela havia construído 27 superfícies a partir da própria porosidade em matriz encontrada no conjunto pé + perna + canela. Pensava que as linhas que ordenam nossa forma podem ser desenhadas a tantos moldes e formas, que seria impossível ela vestir uma simplíssima blusa de três moldes fabris.



Figura 1. Superfície coberta de fita crepe. Fonte da Autora.



Figura 2. Pé crepado e riscado. Fonte da Autora.

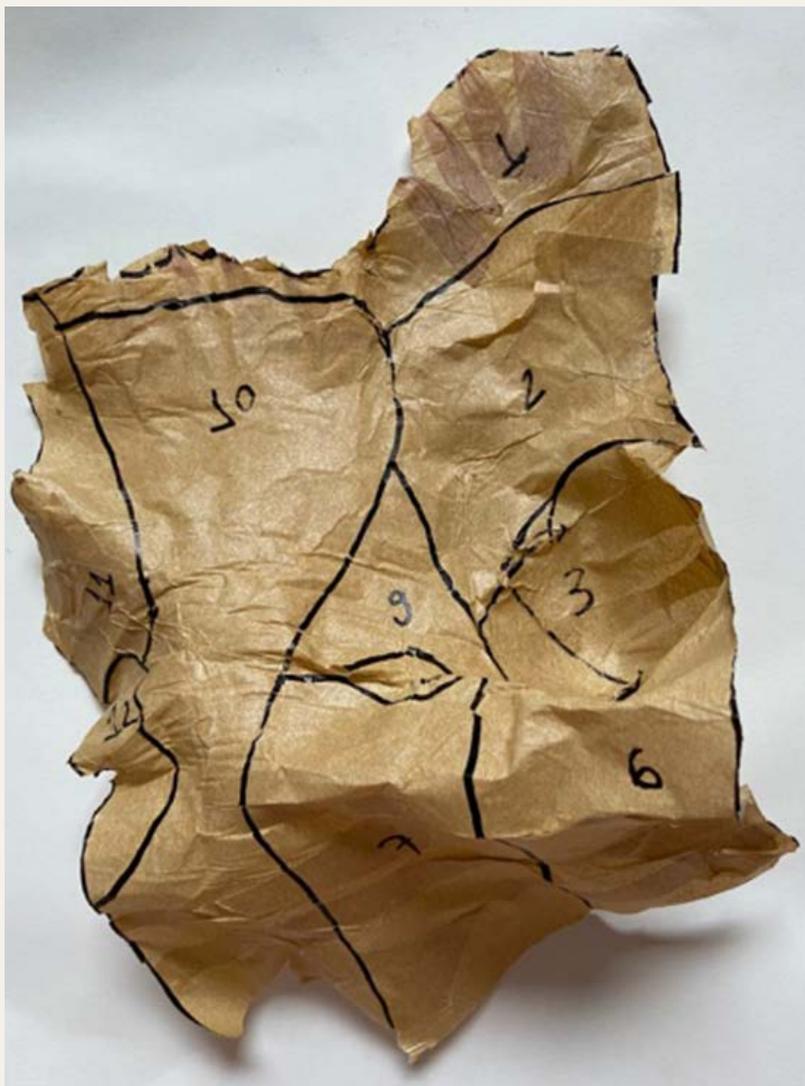


Figura 3. Molde recém retirado do corpo. Fonte da Autora.

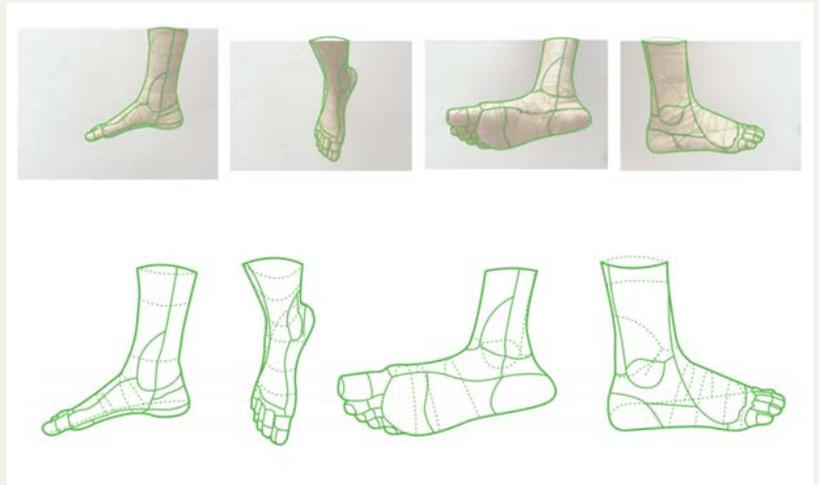


Figura 4 – Desenho técnico da superfície de moldes. Fonte da Autora.

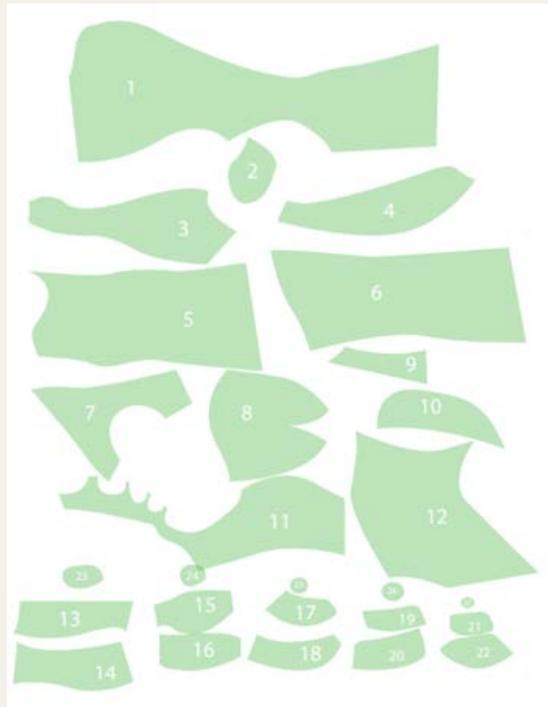


Figura 5. Moldes planificados e enúmerados. Fonte da Autora.